

***A REACHING AROUND OF ARMS:* WALT WHITMAN, INTIMIDADE E HOMOEROTISMO**

Leonardo Mendes
UERJ

Uma das experiências mais comuns que a leitura da poesia de Walt Whitman (1819-1892) proporciona ao leitor é o sentido de ser irremediavelmente capturado pela energia assoberbante, quase opressiva, do poeta. Nas salas de aula de literaturas de língua inglesa nas universidades, pode-se amar ou odiar Whitman, mas ser-lhe indiferente é uma opção que poucos contemplam. Isso porque a impressão que se tem ao ler os poemas de *Leaves of Grass* é a de que o poeta é um intrometido, um invasor despudorado de nossas vidas, um sátiro que salta das páginas do livro para nos pegar pela mão ou pela cintura, nos beijar na boca, e nos conduzir, ombro a ombro, pelas ruas e bares populares do universo masculino da cidade que ele aprendeu a amar – a Nova York de meados do século 19.

Na história da literatura, poucos poetas exigiram tanto do leitor. Trata-se de uma “retórica da interpenetração”, como indica o crítico M. Jimmie Killingsworth, baseada na experiência sexual.¹ Por meio dela Whitman nos assalta ostensivamente, como se nós estivéssemos com ele nas ruas de Manhattan, e como se nós fôssemos o objeto dileto de seu desejo afetivo e sexual a cada leitura renovada de *Leaves of Grass*. Alan Helms sugere que Whitman organiza seu livro de poemas como se ele fosse o que chamamos popularmente, em português, de “zona de pegação” (*cruising area* em inglês), oferecendo sinais de camaradagem e desejo, numa busca permanente do leitor-amante.² Não surpreende, portanto, pensa Gary Schmidgall, que a leitura do deliciosamente longo “Song of Myself” deixe em alguns leitores uma sensação, não

¹ KILLINGSWORTH, M. Jimmie. “Whitman’s Physical Eloquence”. FOLSON, Ed (ed). *Walt Whitman. The centennial essays*. Iowa City: University of Iowa Press, 1994, p. 71.

² HELMS, Alan. “Whitman’s Homosexual Disguises”. KRIEG, Joann P. *Walt Whitman: Here and Now*. Westport: Greenwood Press, 1985, p. 67.

necessariamente desagradável, de “manhã seguinte”, de haver se submetido a uma longa noite de amor com um homem “ativo”.³ Não somos os mesmos ao cabo dessas leituras experimentadas como entrega radical mútua. Whitman nos entrega generosamente seu corpo, seus desejos, suas intimidades. E nós, reduzidos à passividade, somos intimados a fazer o mesmo.

A estratégia mais geral que sustenta a abordagem direta de Whitman é a textualização do seu próprio corpo. Repetidas vezes o poeta sugere, como ele faz no poema “Song of the Rolling Earth”, que “corpos humanos são palavras”, e que ele próprio é uma palavra.⁴ Se os corpos humanos são palavras, e, portanto, as palavras são corpos humanos, Whitman concebeu *Leaves of Grass* como uma tradução verbal de seu corpo físico. Ao nos oferecer suas palavras em profusão, o poeta nos está também franqueando seu corpo. No último poema da seção “Children of Adam”, Whitman sugere:

Como Adão cedo de manhã,
Saindo de seu retiro renovado pelo sono,
Olhe para mim por onde eu passo, ouça a minha voz, chegue perto,
Me toque, encoste a palma de sua mão no meu corpo quando eu passo,
Não tenha medo do meu corpo.⁵

Ao pedir ao leitor que aceite seu corpo, Whitman, é claro, lhe pede também que aceite suas poesias. O lírico, pensa Emil Staiger, é uma forma de insinuação. “Para a insinuação ser eficaz, o leitor precisa estar indefeso, receptivo”.⁶ Que leitores foram e serão receptivos ao corpo do poeta?

Nesse contexto, pode-se dizer que cada exemplar de *Leaves of Grass* é uma metonímia do corpo de Whitman. Cada leitura é uma entrega mútua de corpos porque o espaço em que a leitura se efetiva é, necessariamente, o espaço da intimidade física. Mas Whitman também é um poeta

³ SCHMIDGALL, Gary. *Walt Whitman: a Gay Life*. New York: Plume, 1998, p. 77.

⁴ WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass*. Philadelphia: David Mackay Publisher, 1894, p. 176. Todas as traduções dos poemas de Whitman são de minha autoria.

⁵ WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass*. Philadelphia: David Mackay Publisher, 1894, p. 95.

⁶ STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972, p. 49.

conhecido e celebrado por sua capacidade de cantar as multidões urbanas e os grandes espaços abertos. Um dos pedidos mais insistentes do poeta é o de que se escancarem as portas e as janelas. Em muitos sentidos pode-se dizer que a razão de ser de *Leaves of Grass* é a de celebrar o prazer que se tem ao se escapar da sala de visitas, dos ambientes fechados e das boas maneiras.⁷ A indefinição de Whitman (um poeta, recordemos, que se orgulhava de suas contradições) entre as esferas privadas e públicas, ou, posto de outro modo, o seu empenho em solapar as barreiras que separam o privado do público é, na verdade, a fonte principal do poder de atração que ele exerce sobre os leitores.⁸

De fato, Whitman é irresistível por sua coragem em publicar seu corpo, disponibilizando-o para todos os leitores de *Leaves of Grass*. O nome “Walt” (e não o formal “Walter”, de seu pai), que aparece pela primeira vez na seção vinte e quatro de “Song of Myself”, quando o poeta finalmente se identifica para o leitor, é a prova textual da disponibilidade erótica de Whitman.⁹ E um dos segredos mais chocantes desse corpo que se revela sem pudor é sua admiração pelas belezas do corpo masculino, uma confissão que todos os alunos identificam quando se deparam pela primeira vez com os poemas de *Leaves of Grass*. Na história da literatura norte-americana, o corpo de Whitman é um dos primeiros corpos gays a tornar públicos seus desejos e intimidades. Nesse contexto, poder-se-ia considerar *Leaves of Grass* como um projeto sofisticado – um projeto de uma vida – através do qual Whitman sai do armário. Extrapolando a imagem, poder-se-ia dizer que a primeira edição de *Leaves of Grass* é um anúncio de classificados que divulga para o mundo a existência de um homem gay em Manhattan em 1855.

⁷ SCHMIDGALL, Gary. *Walt Whitman: a Gay Life*. New York: Plume, 1998, p. 68.

⁸ RAILTON, Stephen. “As If I Were With You – The Performance of Whitman’s Poetry”. GREENSPAN, Ezra (ed). *The Cambridge Companion to Walt Whitman*. Cambridge: Cambridge UP, 1995, p. 11.

⁹ POLLAK, Vivian R. *The Erotic Whitman*. Berkeley: University of California Press, 2000, p. 70.

Ao longo do tempo, vários leitores responderam ao anúncio. E fizeram-no com confiança, certos de conhecer os atributos que Whitman tinha a oferecer, em todos os sentidos. Entre aqueles que responderam por meio da própria poesia, temos os conterrâneos Langston Hughes (1902-1967), Hart Crane (1899-1932), e Allen Ginsberg (1926-1998). Fora da América, temos Fernando Pessoa (1888-1935) e Federico Garcia Lorca (1898-1936), e possivelmente outros menos representativos. Em todos os poemas-respostas há demonstrações de intimidade física. Oscar Wilde (1854-1900) também leu o anúncio e visitou Whitman duas vezes. Por ocasião da primeira visita, em janeiro de 1882, o poeta tinha sessenta e dois anos e Wilde vinte e sete. Como Whitman, Wilde também viria mais tarde a borrar, a seu modo, as barreiras que separam a esfera pública da privada. Bram Stoker (1847-1912), que em 1897 publicaria o romance gótico *Drácula*, enviou em 1876 a Whitman uma carta maravilhosamente franca na qual se permite fazer uma descrição física de si para o poeta mais velho.¹⁰

Cartas como as de Stoker chegaram à casa do poeta ao longo dos quase quarenta anos que separam a publicação da primeira edição de *Leaves of Grass*, em 1855, até o ano da sua morte, em 1892. Elas fazem parte de um conjunto de missivas que Whitman chamava, apropriadamente, de “cartas de reconhecimento”. Tais documentos revelam a formação gradativa, na segunda metade do século 19, de uma comunidade de homens gays que se encontravam e se reconheciam nos espaços íntimos do homoerotismo confesso da poesia de Whitman. Em 1885 o autor de *Leaves of Grass* recebeu uma carta de um certo Lionel Johnson, aluno da Universidade de Oxford, que explicava o impacto das palavras do poeta sobre ele e outros jovens de sua idade. Johnson explica que recebeu *Leaves of Grass* “das mãos de um amigo muito querido”, e assegura a Whitman que a ajuda e a confiança que ele obteve do volume também haviam ajudado muitos

¹⁰ SCHMIDGALL, Gary. *Walt Whitman: a Gay Life*. New York: Plume, 1998, p. 116.

outros jovens como ele.¹¹ Cartas como essa sugerem a existência de uma espécie de mercado negro gay anglófono que tinha nos exemplares de *Leaves of Grass* um dos produtos eróticos de maior valor de troca.

Possivelmente, Johnson e seus amigos queridos estavam respondendo a intimações radicais e íntimas como as do poema “Whoever you are holding me now in hand”. Trata-se de um poema que pretende esclarecer as coisas. Talvez alguns leitores que vinham caminhando de mãos dadas com Whitman até agora não tivessem entendido muito bem a natureza dos sentimentos que *Leaves of Grass* pretendia anunciar. Então o poeta avisa, um pouco solene:

Quem quer que seja você segurando a minha mão agora,
Sem uma coisa tudo será inútil,
Eu lhe aviso antes que você prossiga comigo,
Não sou o que você supõe, mas muito diferente.

Quem é ele que será meu seguidor?
Quem vai se candidatar à minha afeição?

O caminho é suspeito, o resultado incerto, talvez destrutivo,
Você teria que desistir de todo o resto, somente eu serei o seu padrão exclusivo,
O seu noviciado seria mesmo assim longo e exaustivo,
Toda a antiga teoria da sua vida e toda a conformidade das vidas a sua volta teriam de ser abandonadas,
Portanto me libere agora antes de que você se aborreça, tire suas mãos dos meus ombros,
Deixe-me e siga o seu caminho.

Para aqueles que decidirem ficar, Whitman faz um convite. Que escalem com ele alguma montanha, ou saiam num barco pelos mares para desembarcar com ele na praia de uma ilha deserta:

Aqui eu permito que você coloque seus lábios sobre os meus,
Com o longo beijo dos companheiros ou o beijo do novo marido,
Pois eu sou o novo marido e eu sou o companheiro.

Ou, se você quiser, atirando-me para debaixo de suas roupas,
Onde eu poderei sentir as batidas do seu coração ou descansar sobre seus quadris,
Carregue-me quando você partir para a terra ou para o mar;
Porque assim apenas tocar em você é o bastante, é o melhor,
E assim tocando em você eu dormiria silenciosamente e seria carregado eternamente.¹²

¹¹ SCHMIDGALL, Gary. *Walt Whitman: a Gay Life*. New York: Plume, 1998, p. 300.

¹² WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass*. Philadelphia: David Mackay Publisher, 1894, p. 97-8.

O alto da montanha ou a praia de uma ilha deserta se instauram como espaços íntimos no ato de leitura de *Leaves of Grass*, em especial para os leitores que aceitem o convite do poeta de romper com os processos tradicionais de leitura e de sexualidade. A performance literária se realiza como a busca do amor do leitor.¹³ Para tanto, Whitman se vale de uma estratégia muito comum em sua poesia, como notou Stephen Railton: a substituição sistemática, na elocução do discurso poético, da primeira pessoa pela segunda. O ponto de vista se transfere de uma aparente auto-absorção para uma preocupação verdadeira com o outro. Railton nota, ainda, que a primeira palavra de “Song of Myself”, por exemplo, é eu, mas a última é você. Trata-se de um padrão geral que dá sustentação retórica à produção poética mais importante de Whitman.¹⁴ Os espaços de *você* em *Leaves of Grass* são vários. Neles, de modo geral, os leitores se sentem em casa, em especial jovens leitores gays como Lionel Johnson.

Hamlin Garland (1860-1940), autor representativo do naturalismo norte-americano, também foi capturado pela rede de intimidades homoeróticas de Whitman. Ele tinha vinte e seis anos em 1886 quando, numa carta entusiasmada, declarou: “Estou, tanto nas minhas conversas como nos meus escritos, fazendo valer e sentir suas afirmações, e pretendo continuar a fazê-lo. Seus poemas me fizeram tremer, reverteram muitas das minhas idéias, me confirmaram em outras, me ajudaram a me tornar o que sou”.¹⁵ Os poemas de Whitman, fazendo tremer tantos jovens leitores, parecem ter sido eficazes na dispersão de uma potencial “crise de proximidade”, que, segundo Christopher Lane, paralisa grande parte dos personagens masculinos de Henry

¹³ RAILTON, Stephen. “As If I Were With You – The Performance of Whitman’s Poetry”. GREENSPAN, Ezra (ed). *The Cambridge Companion to Walt Whitman*. Cambridge: Cambridge UP, 1995, p. 19.

¹⁴ RAILTON, Stephen. “As If I Were With You – The Performance of Whitman’s Poetry”. GREENSPAN, Ezra (ed). *The Cambridge Companion to Walt Whitman*. Cambridge: Cambridge UP, 1995, p. 8.

¹⁵ SCHMIDGALL, Gary. *Walt Whitman: a Gay Life*. New York: Plume, 1998, p. 301.

James (1843-1916).¹⁶ Tal é a veemência com que, ao contrário, os espaços de intimidade se efetivam na leitura das poesias de Whitman, que Vivian Pollak sugere considerar as três primeiras edições de *Leaves of Grass* (1855, 1856, e 1860) como uma estratégia do poeta para investigar o grau de proximidade física, social e psicológica que ele e os outros poderiam suportar.¹⁷

Por vezes, Whitman disponibiliza para o leitor partes específicas do seu corpo. Na seção quarenta e sete de “Song of Myself”, o poeta anuncia, confiante, que ele é um “professor de atletas”. Ao mesmo tempo, ele reconhece que o melhor mestre é aquele que ensina ao aluno como destruir o professor. Whitman deseja reunir seus iguais à sua volta, mas pretende fazê-lo sem definir hierarquias ou demarcar territórios de poder. Mesmo assim, confiante de seu magnetismo pessoal, ele explora o paradoxo:

Ensino como desgarrar-se de mim, mas quem consegue desgarrar-se de mim?
Sigo você quem quer que você seja a partir deste momento,
Minhas palavras roçam nos seus ouvidos até que você as compreenda.

Não digo isso por dinheiro ou para passar o tempo enquanto espero por um barco,
(É você falando tanto quanto eu, ajo como se fosse a sua língua,
Presa na sua boca, na minha ela começa a se soltar).¹⁸

A língua solta de Whitman nos intima a liberar nossas línguas e gargantas, a imitar a cantora de ópera (um gênero do qual ele foi fã entusiasmado) de boca aberta.¹⁹ Desse modo o poeta pretende cantar para o mundo as árias de sua homossexualidade. Por isso, numa guinada romântica, ele se coloca no lugar da nossa língua, como porta-voz dos desejos mais íntimos dos leitores. Mas há algo mais aqui. O confronto da língua solta de Whitman com nossa língua presa também é um beijo de língua no leitor. O contato de línguas é, ao mesmo tempo, um espaço público de

¹⁶ LANE, Christopher. *The Burdens of Intimacy*. Psychoanalysis and Victorian Masculinity. Chicago: The University of Chicago Press, 1999, p. 145.

¹⁷ POLLAK, Vivian R. *The Erotic Whitman*. Berkeley: University of California Press, 2000, p. xiii.

¹⁸ WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass*. Philadelphia: David Mackay Publisher, 1894, p. 75.

¹⁹ KOESTENBAUM, Wayne. *The Queen's Throat*. Opera, homosexuality and the mystery of desire. New York: Poseidon Press, 1993, p. 14.

afirmação de liberdade sexual e de contato físico íntimo. Note-se que aparecem entre parênteses os dois versos em que a língua do poeta e a do leitor se misturam. Trata-se de um espaço íntimo dentro da própria geografia do poema, fechado sobre si mesmo, como duas bocas unidas.

Frente a um corpo que se disponibiliza de forma tão franca e generosa, muitos leitores recuaram. Gregory Woods, um crítico gay (nunca é demais lembrar), acusa o poeta de querer colonizar o leitor, seu corpo e sua alma, sem consulta prévia. Essa estratégia é uma forma de intromissão, pensa Woods, uma intromissão talvez até imperialista.²⁰ Trata-se, creio, de uma afirmação ridícula, vinda de um leitor que certamente tirou a mão do ombro de Whitman a meio caminho de *Leaves of Grass*. Mas as instâncias do recuo e do preconceito são por demais conhecidas, mesmo que venham travestidas de posicionamento ideológico. Mais produtivo é investigar a mão que fica no ombro,²¹ como a de John Addington Symonds (1840-1893), um homem que, junto com Edward Carpenter (1884-1929), lutou na Inglaterra por reformas legais e pelo reconhecimento da homossexualidade como uma condição congênita.²² Numa carta que chegou à casa de Whitman algumas semanas antes de sua morte, em março de 1892, Symonds explica a Horace Traubel – espécie de secretário do velho poeta:

Você não sabe, e ninguém nunca vai saber, o que Whitman foi para mim. Criado na nata de uma escola e universidade aristocráticas, com mais dinheiro do que faz bem a um jovem, casado cedo com uma mulher nobre e ilustre, eu teria sido um mero cavalheiro inglês se não tivesse lido *Leaves of Grass*. Não estou certo se abusei dos privilégios de ler esse livro. Ele revolucionou minhas concepções prévias e me transformou num outro homem. Só sei que ele me transformou num homem livre.²³

²⁰ WOODS, Gregory. *A History of Gay Literature*. The Male Tradition. New Haven: Yale University Press, 1998, p. 157.

²¹ Rictor Norton sugere que a história *queer* não deve enfatizar apenas a opressão dos gays, mas deve, ao contrário, investigar principalmente as instâncias de celebração do amor entre pessoas do mesmo sexo. Ver NORTON, Rictor. *The Myth of the Modern Homosexual*. Queer History and the Search for Cultural Unity. London: Cassel, 1997, p. 132.

²² GAY, Peter. *A paixão terna*. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Cia. Das Letras, 1986, p. 202.

²³ SCHMIDGALL, Gary. *Walt Whitman: a Gay Life*. New York: Plume, 1998, p. 303.

Os espaços de intimidade instaurados por Whitman em suas poesias deram a homens como Symonds a oportunidade de realizar encontros eróticos com o corpo de um outro homem e com a representação discursiva pública de desejos homossexuais. No limite, os leitores íntimos de *Leaves of Grass* realizavam um encontro com eles mesmos, com a verdade de seus desejos, com “a vida no fundo da vida”, como dizia o velho poeta. Em Whitman, o erótico e o íntimo são políticos. Ao convidar o leitor a compartilhar tão longa e abertamente de seu corpo e de seus desejos mais íntimos, Whitman esperava criar uma comunidade duradoura que justificasse os riscos psicológicos (e talvez físicos) que ele corria.²⁴ Ao ser íntimo, ele desprivatizava suas experiências de desejo homossexual.²⁵

O crítico afro-americano Michael Cooke sugere que no século 20, com os escritores Robert Hayden e Alice Walker, a literatura afro-americana atinge o que ele chama de *condição de intimidade*. Trata-se de uma capacidade que toma a forma a partir de um desejo de se sair de si e de efetivar um encontro sem limites e restrições com o mundo.²⁶ Nesse sentido a intimidade difere da privacidade na medida em que a última se baseia na exclusão, enquanto a intimidade é a condição de um eu que inesperadamente se reconhece no mundo e na interação do si com o mundo. Não surpreende, acrescenta Cooke, que a intimidade tenha sido um risco que os autores afro-americanos estivessem dispostos a correr, sendo, como foram, aqueles que tinham menos a ganhar com as formas canônicas e com os objetivos da sociedade²⁷ – aqueles, numa palavra, que tinham menos a perder.

A intimidade foi um risco que Whitman estava disposto a correr como estratégia de interação com o mundo. Jornalista menor, carpinteiro nas horas vagas, e depois servidor público

²⁴ POLLAK, Vivian R. *The Erotic Whitman*. Berkeley: University of California Press, 2000, p. 151.

²⁵ POLLAK, Vivian R. *The Erotic Whitman*. Berkeley: University of California Press, 2000, p. xiv.

²⁶ COOKE, *Afro-American Literature in the Twentieth Century*. The Achievement of Intimacy. New Haven: Yale University Press, 1984, p. 41.

²⁷ COOKE, *Afro-American Literature in the Twentieth Century*. The Achievement of Intimacy. New Haven: Yale University Press, 1984, p. 9.

de terceiro escalão, o poeta também tinha pouco a perder. Mas isso não impediu que ele fosse perseguido, e seus recuos, diga-se a verdade, às vezes foram deprimentes.²⁸ *Leaves of Grass*, entretanto, ficou, e deve também ser lido como uma profusão de confissões íntimas e corajosas de um homem gay em meados do século 19. Lançando seus braços em direção ao mundo, e, em especial, em direção a homens como ele, o poeta pretende carregar o leitor para um espaço íntimo com a promessa de uma amizade pública.²⁹ Uma promessa que, depois de Whitman, ficou mais fácil de se cumprir.

²⁸ O mais notório deu-se com o próprio Symonds, para quem Whitman, negando que fosse homossexual, disse ter sido pai de seis filhos. Ver MARTIN, Robert K. *The Homosexual Tradition in American Poetry*. Iowa City: University of Iowa Press, 1998, p. 49.

²⁹ WOODS, Gregory. *A History of Gay Literature*. The Male Tradition. New Haven: Yale University Press, 1998, p. 157.